

A LOGOTERAPIA DE VIKTOR FRANKL: DE KRONOS A KAIRÓS

THE LOGOTHERAPY OF VIKTOR FRANKL: FROM KRONOS TO KAIROS

Eliseudo Salvino Gomes

Paulo Henrique Carneiro

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Resumo. A Logoterapia de Viktor Frankl compreende o ser humano nas dimensões: biológica, psicológica, e noológica, a qual se caracteriza pelas funções específicas do ser humano, dentre elas, a liberdade. O homem moderno vive de acordo com duas instâncias temporais: Kronos e Kairós, estando Kairós mais ligado à questão da eternidade, pois, simbolicamente representa o momento oportuno, o exato momento para agir, enquanto Kronos mais perto da instância mais formal do tempo; subdividido em ordens e simetrias e, até mesmo rotinas absurdas. O humor, outra característica específica do ser humano, aparece no artigo como sugestão de auto-distanciamento, para se tomar a posição mais sincera em prol de uma comunidade ética, assim como para a realização de sentido.

Palavras-chave: Logoterapia, Análise Existencial, Kronos, Kairós, Transitoriedade, Temporalidade, Humor.

Abstract. The Logotherapy of Viktor Frankl understands the human dimensions: biological, psychological, and noological, which is characterized by specific functions of human beings, among them freedom. The modern man lives according to two temporal instances: Kronos and Kairos. Kairos is more connected to the question of eternity, therefore symbolically represents the opportune moment, the moment to act, while Kronos is closer to the body more formal time; subdivided into symmetries and orders, and even absurd routines. The humor, another specific feature of the human being appears in the article as a suggestion of self-distancing, to take a position in favor of a sincere ethical community, as well as for the realization of meaning.

Keywords: Logotherapy, Existential Analysis, Kronos, Kairós, Transience, Temporality, Humor.

INTRODUÇÃO

O neurologista austríaco Viktor Emil Frankl (1905 - 1997), é o fundador da terceira grande escola vienense de psicoterapia, com a Logoterapia busca trazer novamente o homem à sua condição mais sensível e humana, propondo que a existência se vale de fenômenos especificamente humanos que os identifica na dimensão noológica (ou espiritual). Para Frankl (1997, p.13) o homem não deixa de ser um animal, mas é infinitamente mais que um animal por função dessa dimensão.

Do grego “logos” a palavra Logoterapia pode ser traduzida em “terapia através do sentido”, ou seja, a cura através do sentido (Frankl, 2005, p.13). A Logoterapia é embasada em uma visão filosófica e antropológica do homem, a chamada “pessoa espiritual” se caracteriza pela liberdade e responsabilidade e está orientada para a realização de sentidos e valores.

A necessidade central do ser humano está na realização de valores, sendo o objetivo central do espírito a “vontade de sentido” (Frankl, 1979, pp. 49-50), porém, não pode a pessoa dar sentido arbitrariamente para sua vida, é necessário encontrá-lo e realizá-lo. Neste sentido, o presente artigo busca apresentar a angústia que a transitoriedade fomenta no ente, apresentando o *humor* como sugestão de distanciamento e atitude quanto à impotência frente à instância temporal simbólica de *kronos*, assim como uma possibilidade de ação no momento oportuno apontando segundo outra instância temporal simbólica *kairós*.

A Logoterapia apresenta um ser humano que está ciente de sua condição existencial, vivendo uma vida repleta de oportunidades e sentidos a realizar, os quais criam a história da pessoa que a vive, sendo assim, o humor se torna uma ferramenta terapêutica para encontrar sentido em tudo o que nos rodeia.

SOBRE A TRANSITORIEDADE

A única certeza irrefutável que o ser humano possui sobre sua vida é também a principal causa de preocupação frente ao significado que tem a sua própria existência. Muitos são os autores que contribuíram sobre o tema da transitoriedade da vida (Camus, 2010, Frankl, 2005, Heidegger, 2002), porém, todas as pessoas, algum dia, se deparam com dois questionamentos que a vida lhes faz: -Então, existem motivos pelos quais viver? Como confirma o filósofo e escritor Camus (2010): “Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia” (p.19).

Segundo Herrera (2007) “a vida não se pode compreender sem descobrir e aceitar que tem um tempo de vigência” (p. 448). Esse tempo de vigência remete o ser humano a uma angústia, por estar defrontado com sua própria finitude. Pintos (2007) aponta que “uma das vivências mais temidas e, ao mesmo tempo, mais naturais para o homem é a angústia” (p. 319) e afirma ainda a angústia como uma vivência frente ao nada, frente a uma impossibilidade de ação. Sendo assim, a morte está ligada à angústia de se deixar passar as oportunidades, pois sabendo que a vida não é infinita o homem se obriga há aproveitar o tempo e as situações das quais dispõe (Frankl, 1997, pp.116-117).

Nicolai Hartmann (citado por Frankl, 2005, p. 93), denomina a oposição frente ao paralelismo psicofísico como antagonismo noopsíquico facultativo, ou seja, a autonomia apesar da dependência. Não podemos dissociar a liberdade humana do que é fatal para o homem, sendo que é nesse elemento e aderido a ele que é possível se desenvolver (Frankl, 1989). A liberdade, portanto, está para o homem como condição substancial ao seu ser, a sua própria existência, pois é transcendente às suas necessidades, pode-se dizer então, que “a liberdade está e se constrói sobre qualquer necessidade” (Frankl, 1994, p.94).

A liberdade se apresenta principalmente frente a três fatores (Frankl, 2005 pp. 94-100): aos instintos, a herança e também frente ao meio ambiente. Um animal é idêntico aos seus instintos, já o homem tem instintos, mas não é igual a esses. Nos seres humanos os instintos são dirigidos e marcados a partir da pessoa, ou seja, são personalizados. Frankl (2005) afirma que não há instintos sem liberdade assim como não há liberdade sem instintos, em qualquer uma dessas situações os conceitos estão em uma correlação recíproca.

Outros três fatores frente ao qual o homem é livre, é ante sua herança genética, pois, o ser humano é capaz de optar por valores e transformar seus defeitos em virtudes, ou até mesmo suas virtudes em defeitos. E, finalmente, no que se refere ao meio ambiente, o autor aponta o homem como um ser espiritual que não está apenas confrontado com o mundo, mas que também toma posição frente a ele, e esse comportamento é precisamente um comportamento livre. Segundo Frankl (1989) o homem “tem em cada caso concreto a

possibilidade de decidir livremente sobre o seu ser” (pp. 122-123) assegurando a irrepetibilidade e a unicidade do seu ser existencial.

Assim sendo, o homem é quem “cria” a sua própria existência, a partir do momento em que é concebido até o último sopro de seu sistema respiratório. A vida é uma sucessão de perguntas e respostas que se estende pelo exato tempo que dura, então, “responder à vida, significa fazer-nos responsáveis por nossas vidas” (Frankl, 2005 p.100). Cabendo somente a nós a possibilidade de encontrar sentido ao realizar um trabalho, amar alguém ou mesmo sofrer, porém, se for com coragem.

É a partir da finitude que o homem se torna um ser responsável por sua existência, a irrepetibilidade do homem cabe também a cada situação, pois ninguém tem as mesmas possibilidades e nem a própria pessoa volta a tê-las, sendo assim é responsabilidade da pessoa tomar posição frente ao que gostaria de eternizar durante o instante que viveu, afinal, “ter sido é a forma, mais segura de ser” (Frankl, 1989, pp. 119-125).

Frankl (1989) afirma que “o homem está na vida como alguém que colhe em cada instante uma única possibilidade, dentre uma série de possibilidades e que, realizando-a, de certo modo a põe a salvo no reino do passado e, assim, a assegura” (p. 124) sem deixar que a vida vá se consumindo por si só, mas, consumir a vida vivendo de tal maneira que quando chegue a hora, a morte tenha pouco para levar (Pintos, 2007, p. 321).

O homem não deve ser visto só como um ser individual, mas é também histórico. É sempre singular e único, assim como o seu mundo. O homem como ser histórico não “é”, senão que “deve ser”. Sendo assim, só está “completo” quando acaba sua vida, então está terminado seu mundo (Frankl, 1990, p. 167), ou como aponta Herrera (2007) “a vida, em última instância, é um fluir de gotas que fluem até juntar-se ao oceano” (p. 451).

A cada momento a existência está diretamente ligada ao passado e ao futuro da pessoa, pois, se o futuro ainda não existe e o passado já não existe mais, a única coisa que resta é modificar o futuro, a partir das possibilidades que se opta por tornar realidade no presente, eternizando sua própria história e fazendo da vida algo realmente significativo, afinal não importa se vivemos setenta ou oitenta anos, se é uma boa vida, então, vale a pena vivê-la (Frankl, 2005 pp.93-97).

A existência corpórea-anímica é sempre uma existência no espaço e no tempo, porém, as pontes entre um ser a outro ser (dever ser) devem ser entendida como espaço-temporal, não se lançando do espaço e do tempo. O ser mais além do espaço e do tempo poderia ser muito bem um continuo espiritual nesse sentido. Sua continuidade se refletiria nisso que temos chamado de “estar presente”. Nesta perspectiva, a presença do ser equivaleria a uma auto-presença. (...) Só a existência no espaço e tempo, tem “um passado e um futuro; o ser espiritual como tal não está aí”, ele é contrariamente ao ‘estar aí’, um ser mais além do espaço e tempo (Frankl, 1990, p. 162).

Assim como para Frankl o tema que discorre sobre a temporalidade na constituição do ser; esteve presente também nas obras do grande filósofo Heidegger (2002), que afirma a historicidade do ser como “no fundo”, a própria temporalidade (p. 213), ou seja, o homem não vive no tempo, mas, a sua história o torna temporal como confirma Herrera (2007a, pp. 103-104): “o ser humano se compreende, enquanto possibilidade de ser, numa possibilidade exterior a qual se juntam e compreendem todas as possibilidades”, ou melhor, uma possibilidade de morte, sendo assim o ser é visto como um ser-para-a-morte.

Nas antigas visões sobre tempo, encontramos Kronos, Aiôn e Kairós. *Chrónos* (em grego) ou *tempus* (em latim), cuja raiz *-tem-* significa “cortar”. *Aiôn* (em grego) ou *aeuon*, *aetás* (em latim), cuja raiz do grego *aiei* significa “sempre”. *Kairós* (em grego *καιρός*) é uma palavra da língua grega antiga que significa “o momento oportuno”; sua correspondente em *latim*, *momentum*, refere-se ao instante.

Portanto, *Kronos* era o deus da ordem cronológica, da sucessão dos eventos. *Aiôn*, que aparece num célebre fragmento de Heráclito, era o deus do acaso: o jogo, a brincadeira e, *Kairós* era o deus do tempo, associado ao momento oportuno: a decisão de seguir para um lado ou outro, diante de múltiplas escolhas. Embora, reconheçamos os três *tempus* (*Kronos*, *Aiôn* e *Kairós*), optamos por discorrer entre *Kronos* e *Kairós*.

Para Heidegger (2002) “o ente é e está no tempo”; faz-se necessário esclarecer o comportamento elementar desse contar com o tempo (p. 214). Nesta mesma linha, segue o

pensamento de Monteiro (2005), ao apontar que “vivemos em duas instâncias temporais: *kronos e kairós*” (p. 58), onde *kronos* está relacionado com o tempo mensurável, ou seja, que é compatível a instrumentos de medição temporal como relógio ou calendário, em oposição, *kairós* refere-se ao tempo que pertence ao ser, mais precisamente um momento indeterminado do tempo, onde algo muito importante acontece e lhe dá sentido, ou seja, “o tempo que deve ser aproveitado, saboreado, sentido, bem utilizado porque é o *momentum*¹ que se tem e que se é” (Monteiro, 2005, p. 60).

Kronos é a instância temporal que está correlacionada com delimitações estanques e escalas numéricas, carrega consigo tudo e todos ao envelhecimento, à degeneração e nada pode ser feito para combatê-la, ainda que seja tentado. Segundo a Mitologia Grega (2011), *kronos* era apresentado como uma divindade pré-helênica, surgido no princípio dos tempos, de caráter sinistro e negativo tinha funções relacionadas com a agricultura. Era filho de Urano (céu) com Gaia ou Géia (a terra), representava o tempo personificado que devido a uma profecia que dizia que um de seus filhos o destronaria, essa divindade engolia os próprios descendentes, para que a profecia não se cumprisse; simbolicamente essa metáfora nos apresenta o tempo como devorador que não se importa com o indivíduo, que passa devastadoramente queiram ou não, tal como o tempo que engole os instantes.

Monteiro (2005) apresenta *kronos* como “o tempo do fazer, do poder como denominação, das cercanias. Ele representa

¹ *Momentum* é um ínfimo momento que se tem como possibilidade do real.

limites, é opressor, devorador de tudo o que cria” (p. 60), ou seja, nega a singularidade do sujeito. No intuito de cumprir as normas que o tempo nos impõe, paga-se um alto preço: deixar de ser quem se é, para cumprir as metas de um trabalho que muitas vezes se torna rotina, ou seja, o trabalho perde o sentido. Camus (2010) apresenta o mito de Sísifo como metáfora aos operários de hoje em dia que vivem uma rotina não menos absurda que a de Sísifo que foi condenado pelos deuses a empurrar incessantemente uma rocha até o cume de uma montanha, de onde tornava a cair por seu próprio peso (pp. 121-123).

De certa forma, a organização de uma sociedade necessita de ordem, certeza e delimitações estanques, em contra partida, o ser humano não pode ser medido, contado ou estabelecido com regras gerais, sendo assim, *kairós* é a dimensão temporal que está voltada ao tempo da pessoa, das escolhas que esta toma frente ao momento certo. A mitologia grega apresenta *kairós* como um ser que só tem cabelos na testa (que deveria ser pego à sua aproximação), mas, não podendo ser apanhado de novo ao dar as costas, pois seu crânio é calvo (para que ninguém espere tornar agarrá-lo) (Dinucci, 2008, p. 19).

O termo *kairós* tem um significado duplo. Por um lado surge da arte dos arqueiros, que significava um tubo imaginário por onde a flecha deveria passar para atingir o alvo, como complementa White (1987, citado por Dinucci, 2008): “a passagem bem-sucedida por um *kairós* exige, por esta razão, que a seta do arqueiro seja lançada não apenas com precisão, mas com potencia para penetrar no alvo” (p. 19), já a segunda origem se estabelece na arte da

tecelagem, onde é visto como um momento crítico “no qual o tecelão deve traçar a linha através da abertura que momentaneamente se abre na trama da roupa sendo feita”.

Combinando os dois sentidos podemos entender *kairós* como o momento exato para agir, ou melhor dizendo, o momento exato em que somos livre para optar e responder ao questionamento que a vida nos faz.

Pode-se optar por viver relacionado com qualquer uma das duas instâncias, seja contra *kronos*, fadado a imortalidade ou a favor de *kairós* e a eternidade. De fato, não podemos fugir de *kronos*, um dia, querendo ou não, o fim chegará, porém observa-se a cada dia aumentar o número estatístico de cirurgias plásticas e pesquisas na área da estética (Instituto brasileiro de opinião pública e estatística, 2006), ou seja, a sociedade opta por se manter “jovem” e enfrentar *kronos*, buscando certa imortalidade, porém, *kronos* força o ser humano a pensar sua relação com *kairós*, pois ao saber que a morte virá mais cedo ou mais tarde, o homem passa a se angustiar frente às oportunidades desperdiçadas, sendo assim, cada momento se torna o momento exato para agir e para ser.

Frankl (2005) aponta que “a fronteira da eternidade é onde a cada momento de nossas vidas é tomada a decisão sobre o que queremos eternizar ou não” (p. 101), ou seja, o presente, o momento oportuno, o *kairós*, é a fronteira entre aquilo que ainda não é (futuro) e o que já foi realizado no passado (eternidade). Quando uma possibilidade surge, ela se apresenta somente uma vez e para sempre, para toda eternidade, e a possibilidade perdida nunca mais volta, como a simbologia de *kairós*, deve ser agarrada pela

frente, pois se passar tona-se impossível tomá-la pelas costas.

Portanto, viver, realizando oportunidades é a melhor forma de ser, ou como a Logoterapia afirma: “ser vivido” é o modo mais seguro de ser, as possibilidades realizadas no passado são tesouros que ninguém jamais poderá remover, nem mesmo a morte (Frankl, 2005, p. 96), então se faz necessário tomar consciência da realidade e dos valores de cada oportunidade para que o ser possa tomar posição frente a seus desígnios e assim construir uma vida ética e plena de sentido, como explica Frankl (2000) ao conceituar o auto-distanciamento:

Em virtude de tal capacidade, o homem é capaz de tomar distancia não só de uma situação, mas também de si mesmo. Pode eleger uma atitude ante a si mesmo. Fazendo-o, realmente toma posição frente seus próprios condicionamentos e determinantes somáticos e psicológicos. (...) Visto assim, uma pessoa é livre de moldar seu próprio caráter, e o homem é responsável por aquilo que pode fazer de si mesmo (p. 23).

A capacidade de se distanciar das piores condições é unicamente humana, porém não se manifesta somente através do heroísmo, mas também através do humor. Frankl (1997a, p. 223) aponta o humor como um existencial, assim como a preocupação para Heidegger e o amor para Biswanger, e complementa: “o humor é, portanto, uma capacidade especificamente humana, porque pressupõe que o homem pode rir, e mais, pode rir de si mesmo, de seus próprios temores” (Frankl, 2000a, p. 27). A Logoterapia apresenta a “intenção paradoxal” como método no qual o paciente deve pedir em

uma intenção honesta e exagerada o que ele mais teme, assim o medo perde seu poder sobre o homem, ou seja, o medo já não “tem” o paciente, mas o paciente que o têm, e também reconquista a liberdade para lidar com a situação no qual se apresenta (Frankl, 2003, pp.130-143).

Nas palavras de Freire (2004), o noológico é o espiritual como genuína dimensão humana. Com os termos “noológico” e “noético” se pretende salvar o verdadeiro sentido do espiritual e ao mesmo tempo superar possível confusão, com denominação religiosa.

Há uma conexão entre o humor e a dimensão espiritual, ou seja, não pode ser detectada somente no campo somático e psíquico; o humor *noético* é apontado ontologicamente dentro de nossa esfera existencial, dentro do que nos caracteriza como seres humanos, portanto, não é possível uma descrição definitiva, só pode ser parafraseada (Dickhäuser, 2002); o que significa que uma definição exata de humor é uma tarefa trabalhosa.

Robinson (1983, 1991, citado por Fry & Salameh, 2004, p. 45) sinala que a ansiedade é uma das fontes de mal-estar que mais frequentemente estimula o recurso ao humor. Quando as pessoas se encontram ansiosas, sua visão fica mais estreita, sua criatividade se reduz e se irritam mais facilmente. Se crer que o uso psicoterapêutico do humor pode reduzir o estresse, a tensão e a ansiedade (Freud, 1905; Robinson, 1978).

Kierkegaard (1987) aponta o humor como “tornar-se consciente de um real, idealista,

humano e ético sentido” (citado por Dickhäuser, 2002, p. 109), ou seja, tomar uma atitude bem humorada frente ao mundo, frente às possibilidades que a vida propõe ao ente, quer dizer, rir de seus próprios temores, avistar serenamente as fraquezas humanas, levar a vida com alegria e perdão frente até mesmo às imperfeições do percurso, ou, como Frankl (2005) diz: “heroísmo trágico”, a possibilidade de dizer sim à vida apesar de sua transitoriedade (p. 93).

Entretanto, o humor aqui pode ser entendido como a capacidade de rir, apesar dos opostos sobre si e sobre as circunstâncias, há uma aproximação das distâncias, das diferenças, ou seja, opostos aparentemente incompatíveis passam a se conectar (Dickhäuser, 2002, p. 110), também o humor deve ser entendido como capacidade de auto-distanciamento, pois, ao estar confrontado com uma circunstância, com um momento oportuno, o ser é capaz de tomar posição, e optar por valores e pela ética, sendo assim, o humor subsidia uma comunidade formada a partir da cordialidade e do respeito mútuo, e isso não exige capacidade intelectual, ou seja, todos são capazes de rir.

Frankl (1990) orienta que é necessário conceituar sociedade e comunidade para não se criar um mal entendido: “a comunidade se embasa em nós, e na relação entre o eu e o tu; a sociedade, diferentemente, se embasa na categoria do ser impessoal” (p. 236), portanto, a comunidade necessita de personalidades, porém, toda personalidade necessita da comunidade como confirma o físico Einstein (1981): “enquanto homem, não existo somente como criatura individual, mas me descubro membro de uma grande comunidade humana” (p. 14). Já

no contexto da sociedade o homem não se aprimora enquanto uma personalidade que pode fazer-se valer e se desenvolver, mas a sociedade renuncia a personalidade que, até mesmo a estorva (Frankl, 1990, p. 236).

Sem dúvida a personalidade se desenvolve a caminho de uma comunidade, o homem enquanto ser único pensa sozinho e cria novos valores para a comunidade (Einstein, 1981, p. 15), confrontando o ente com sua responsabilidade frente ao momento oportuno, *kairós*, nos quais é livre para tomar posição frente às perguntas que a vida lhe faz.

O homem tem duas possibilidades de viver a vida apesar de sua transitoriedade, uma delas é através do “heroísmo trágico” (Frankl, 2005, p. 93) e outra através do humor. Toda decisão tomada frente aos questionamentos constitui a historicidade do ente, a existência do ser, assim como a singularidade e auto-transcendência da pessoa.

Ao se referir à singularidade humana, Frankl aponta as palavras precisas do sábio judeu que viveu há mais de dois mil anos atrás, Hillel (citado por Frankl, 2000): se não o faço, quem o fará? E se não o faço agora, quando o farei? Mas, se o faço só por mim mesmo, quem sou eu? (p.58).

A resposta para a pergunta “e se não o faço agora, quando o farei?” se refere à singularidade e a irrepetibilidade do ser, que trata do momento exato para agir, que somente pode ser respondido pelo ser que vive a oportunidade e por nenhuma outra pessoa, e mesmo a pessoa, não volta a ter essa oportunidade. Outra pergunta relevante se refere

ao tema da transcendência, na qual a questão levantada: “quem sou se o faço só por mim mesmo”, Frankl (2000) responde da seguinte forma: “em nenhum caso, um verdadeiro ser humano” (pp. 58-59), pois, como confirma Bruzzone (2011): “a autêntica natureza do ser humano, não está primariamente centrado em si mesmo, senão orientado para o mundo” (p. 118).

O princípio da auto-transcendência contrasta com resíduos dos psicologismos ainda presentes nas linhas humanistas e existenciais, geralmente embasados no ideal de *auto-realização* (Bruzzone, 2011, p. 118). Frankl (2000) aponta em termos agostinianos: “o coração do homem está inquieto, a menos que tenha encontrado e realizado um sentido e um propósito na vida” (p. 59), ou seja, o que o ser humano realmente quer, não é a felicidade de forma completa, mas algo pelo qual possa ser feliz (Frankl, 1990, p. 11) e pode a encontrar ao realizar um trabalho, amar alguém ou sofrer com coragem.

Enfim, é certo que ao morrer o homem não pode levar nada consigo. “Mas a plenitude da vida que completamos no preciso momento de nossa morte está fora da tumba e fora desta, permanece” (Frankl, 2003, p. 117), ou seja, o ser humano é responsável pela história que criou, pela pessoa na qual se tornou e pelas respostas que deu quando a vida lhe perguntou: e agora? Seja essa história bonita e plena de sentido, ou mesmo sofrida com coragem, que orgulhe a pessoa que viveu, ainda que essa história não inspire inveja a ninguém.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

...E então, *kronos* ou *kairós*?

Desculpe-nos caro leitor, por tentarmos resumir o sentido da morte em tão poucas páginas, mas falar sobre a morte se torna uma tarefa trabalhosa para quem ainda não morreu. Em nenhum momento tivemos a pretensão de criar algo novo, muito menos ampliar os conteúdos da Logoterapia do grande mestre *Viktor Emil Frankl*, porém, cremos ser necessário agradecer outro grande mestre por suas considerações sobre o mundo.

Ainda que não tenha sido citado durante o corpo textual deste artigo, gostaríamos de registrar nossa gratidão ao grande mestre argentino das ruas, Fernando Cavarozzi, mais conhecido como o Palhaço Chacovachi que semeou indagações no segundo autor deste referido artigo, frente à imortalidade e a eternidade durante uma oficina intitulada “O Manual do Palhaço de Rua”, que aconteceu em fevereiro de 2008 na cidade de Campinas no estado de São Paulo, Brasil.

O ser humano ao se deparar com a finitude de seu ciclo vital, busca negar esse fato, procurando viver mais tempo. Hoje em dia já não é tão raro encontrarmos idosos com mais de um século de existência, muitas vezes sem qualidade de vida alguma.

Como pudemos observar a morte de fato nos traz angústias e medo, ainda mais se passamos mais da metade de nossas vidas trabalhando, e muitas vezes em trabalhos rotineiros e sem sentido algum. A angústia frente à morte nos traz à tona a imagem simbólica de *kairós*, que ao servir passivamente

as ordenações do tempo, *kronos*, deixamos de aproveitar as oportunidades que poderiam ser o momento exato para transformar uma existência, afinal, o passado já não podemos mais mudar, tudo o que é possível fazer, é no momento exato, chacoalhar a ampulheta da vida e escolher o que queremos realizar no presente para eternizar e assim criar a história que gostaríamos de eternizar junto à história do mundo.

Podemos sim, viver subordinado à imagem de *kronos*, levar a vida de acordo com as horas que passam, e vender nosso tempo em cargas de 20, 40 ou 48 horas semanais, então, trabalhar semanas e semanas, meses e anos afincado esperando só o dia da aposentadoria chegar, numa rotina absurda de trabalho que consome nossa possibilidade de ser, o medo que a morte chegue nesse período nos submete cada vez mais às cirurgias plásticas e aos remédios preventivos, vivemos esperando o momento exato no qual possamos viver, no qual possamos ser quem realmente somos. A sociedade optou por ser imortal.

Ao nos subordinar às exigências de *kronos*, deixamos de aproveitar os momentos nos quais a vida nos questiona, “... e agora? Qual a sua saída para esse impasse? Quem você é? E o que você gostaria de eternizar em sua história?”, sendo assim, perdemos a oportunidade, perdemos *kairós*, a oportunidade passa, não contemplamos valores e muito menos realizamos sentido, a vida escorre e se consome sem deixar corrigir o passado, mas, não pensem que o passado está perdido.

Nas palavras de Freire (2004), o humor representa para o homem algo substancial, sério.

Sério no sentido de circunspecto, profundo, de entidade, pois, o humor pertence ao específico, substancial e genuinamente humano. Diferencial. Tão diferencialmente humano que séculos depois de Aristóteles, Schopenhauer pomposamente pontificou: depois de muito tempo e profunda análise da realidade humana me encontro em condições de afirmar com precisão que o homem é o “único animal que ri”, ou seja, o homem é capaz de rir de seus

temores, é capaz de satirizar o próprio passado e observar que os erros do passado não foram tão grandes quanto pensava, assim transforma suas fraquezas em virtudes e, são essas virtudes que auxiliam a sociedade rumo a uma comunidade, onde as diferenças não são tão distantes, e as virtudes se complementam. Então, que tal viver a vida, subordinados à *kairós*, responsáveis pela história que eternizamos.

REFERÊNCIAS

- Bruzzone, D. (2011). *Afinar la Conciencia: Educación y búsqueda de sentido a partir de Viktor E. Frankl*. Buenos Aires: San Pablo, Noesis 31.
- Camus, A. (2010). *O Mito de Sísifo* (Td. Ari Roitman e Paulina Watch). Rio de Janeiro: BestBolso,.
- Dickhäuser, A. (2002). Humor und Unterricht. *Existenz und Logos*, 1, 102-125.
- Dinucci, A. L. (2008). Kairós, retórica e ética em Górgias de Leontinos. *Controvérsia*, 4, 18-25.
- Einstein, A. (1981). *Como vejo o mundo* (Td. H. P. de Andrade), Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Frankl, V. (1990). *El Hombre Doliente*. Barcelona: Herder.
- Frankl, V. (2001). *El hombre en busca de sentido*. Barcelona: Herder.
- Frankl, V. (2000a). En el principio era el sentido. Barcelona: Herder.
- Frankl, V. (2000). *Fundamentos y aplicaciones de la Logoterapia*. Buenos Aires: San Pablo, Noesis 15.
- Frankl, V. (1979). *La idea psicológica del hombre*. Madrid: RIALP.
- Frankl, V. (1991). *La voluntad de sentido*. Barcelona: Herder.
- Frankl, V. (1990a). *Logoterapia y Análisis Existencial*. Barcelona: Herder,.
- Frankl, V. (1997). *Psicoanálisis y Existencialismo*. México: FCE.
- Frankl, V. (1989). *Psicoterapia e sentido da vida*. 5. ed. São Paulo: Quadrante.
- Frankl, V. (2003). *Psicoterapia y Humanismo*. México: FCE.
- Frankl, V. (1997a). *Teoría y Terapia de las Neurosis*. Barcelona: Herder.
- Frankl, V. (2005). *Um sentido para a vida: Psicoterapia e Humanismo*. 11ª ed. Aparecida: Ideias e Letras.
- Freire, J. B. (2004). *Humor y serenidad en la vida cotidiana*. Pamplona: Eunsa.

Freud, S. (1981). *El chiste y su relación con lo inconsciente*. Madrid: Alianza. (Publicado originalmente em 1905).

Fry, W. F. & Salameh, W. A. (2004). *El humor y el bienestar en las intervenciones clínicas*. Bilbao: Desclée de Brouwer.

Pintos, C. G. (2007). Angustia, Vejez y Muerte. In: Garcia Pintos, C. (Org.). *Frankl por Definición: Consultor temático de Logoterapia y Análisis Existencial*. Buenos Aires: San Pablo, Noesis 25, pp. 318-321.

Heidegger, M. (2002). *Ser e Tempo*, (Td. Marcia Sá Cavalcante Schuback), 10ª Ed, Parte II. Petrópolis: Vozes.

Herrera, L. G. P. (2007). El sentido de la Muerte o Transito y su Relación com el Sentido de la Vida. In: C. Garcia pintos (Org.), C. *Frankl por Definición: Consultor temático de Logoterapia y Análisis Existencial*. Buenos Aires: San Pablo, Noesis 25, pp. 447-451.

Herrera, L. G. P. (2007a). *Viktor Frankl: Comunicación y resistencia*. Buenos Aires: San Pablo, Noesis 22.

Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (2006). *Belas Perspectivas*. Disponível em <http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=5&proj=PortalIBOPE&pub=T&db=caldb&comp=IBOPE+Media&docid=73A97331343F3FFB8325714F0072C9FC>>. Acesso em 12 nov. 2011

Mitologia grega (2011). Cronos.

Disponível em <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/MGCronos.html>> Acesso em: 18 nov. 2011.

Monteiro, P. P. (2005). Somos velhos porque o tempo não para. In: Côrte, B. et al. (Orgs) *Velhice, Envelhecimento, Complex (Idade)*. São Paulo: Vetor, pp. 57-83.

Robinson, V. M. (1991). *Humor and the health professions: the therapeutic use of humor in health care 2nd ed.* Thorofare, NJ: Charles B. Slack.

Robinson, V. M. (1983). Humor and health. Em: P.E. McGhee y J.H.Goldstein (eds.). *Handbook of humor research: vol. II applied studies*, pp. 109-128. Nueva York: Springer-Verlag.

Enviado em: 27/08/2013

Aceito em: 20/12/2013

SOBRE OS AUTORES

Eliseudo Salvino Gomes. Doutorado em Psicologia (Clínica) pela Universidad Pontificia de Salamanca-UPSA (2009). Mestrado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza-UNIFOR (2002). Membro do Grupo de Pesquisa NOUS: Espiritualidade e Sentido. Miembro del Comité Científico de la revista “Foro de Educación -Pensamiento, cultura y sociedad-”. Membro do Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial. Atualmente, Coordenador Técnico e Professor da Pós-Graduação em Análise Existencial e Logoterapia de Viktor Emil Frankl (Pontificia Universidade Católica

do Paraná-PUCPR). Orientador Educacional do Colégio Marista de Natal, Estado do Rio Grande do Norte.

Paulo Henrique Carneiro. Palhaço (DRT 24937) e Psicólogo (CRP 08/16031), Especialista em Análise Existencial e Logoterapia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). paulohpc@hotmail.com (41) 9937-0129.